

Fugida

Carla ouviu chegar o carro antes que este assomasse à pequena elevação na estrada a que por estas paragens chamam monte. É ela, pensou: Mrs. Jamieson, Sylvia, regressada das férias na Grécia. Da porta do celeiro, mas resguardada para não ser facilmente vista, observava a estrada que Mrs. Jamieson teria de percorrer, vivendo a menos de um quilómetro mais adiante da sua casa e de Clark.

Se fosse alguém que quisesse virar ao portão deles já iria mais devagar por esta altura. Mesmo assim Carla mantinha a esperança. *Que não seja ela.*

Era. Mrs. Jamieson voltou uma vez a cabeça, rapidamente, o mais que pôde enquanto manobrava o automóvel pelos sulcos e poças que a chuva fizera na terra, mas não levantou a mão do volante para acenar, não reparou em Carla. Carla vislumbrou um braço bronzeado nu até aos ombros, o cabelo mais claro do que antes, agora mais branco do que louro-prateado, e uma expressão a um tempo decidida e irritada e divertida com a sua irritação, como seria de esperar de Mrs. Jamieson a abrir caminho por uma estrada destas. Quando voltou a cabeça houve uma espécie de relampejo — de curiosidade, esperança — que fez com que Carla se encolhesse.

Então.

Talvez Clark ainda não soubesse. Se estivesse ao computador, teria as costas voltadas para a janela e para a estrada.

Mas talvez Mrs. Jamieson tivesse de fazer mais uma viagem. Talvez, do aeroporto para casa, não tivesse parado para comprar comida, o que só faria depois de chegar e ver o que precisava. Talvez então Clark reparasse nela. E quando escurecesse, as luzes de sua casa seriam visíveis. Porém, sendo Julho, só fazia noite muito tarde. Talvez ela estivesse tão cansada que não se desse ao trabalho de acender as luzes, talvez fosse cedo para a cama.

Por outro lado, talvez telefonasse. A qualquer momento, agora.

Este era o Verão de chuva e mais chuva. Ouvia-se logo pela manhã, extraordinariamente ruidosa no telhado da casa pré-fabricada. Os sulcos na terra estavam completamente enlameados, as folhas por cima pingavam aguaceiros arbitrários mesmo quando não vinha nenhuma chuva do céu e as nuvens pareciam preparar uma aberta. Carla usava um velho chapéu australiano de feltro, com a copa alta e as abas largas, de cada vez que saía, e acomodava a sua trança comprida e espessa no interior da blusa.

Não aparecia ninguém para os passeios a cavalo, apesar de Clark e Carla terem andado por toda a parte a afixar anúncios nos parques de campismo, nos cafés, no quadro do posto de turismo e noutros sítios que lhes ocorreram. Só alguns alunos vinham às lições, e eram os do costume, em vez das fornadas de crianças em idade escolar, das que vinham em carrinhas das colónias de férias, que lhes tinham assegurado a sobrevivência no Verão passado. E mesmo os do costume, com que contavam, faltavam por causa de viagens de férias, ou pura e simplesmente cancelavam as lições devido às miseráveis condições climáticas. Quando já telefonavam tarde, Clark cobrava-lhes o tempo à mesma. Dois deles tinham reclamado e desistido de vez.

Ainda entrava algum dinheiro dos três cavalos de que cuidavam. Esses três, e os quatro que eram deles, estavam agora no campo, a desbastar a relva sob as árvores. Tinham um ar de que não valia a pena avisá-los que a chuva só fora suspensa por momentos, como era costume por um instante à tarde. Só o suficiente para dar alguma esperança — as nuvens branqueando e emaciando-se e permitindo-se penetrar por uma difusa claridade que nunca chegava a ser a verdadeira luz do Sol e geralmente desaparecia antes do jantar.

Carla acabara de limpar o esterco na cavaliça. Levava o seu tempo; gostava do ritmo dos seus trabalhos rotineiros, do vasto espaço sob o tecto da cavaliça, dos cheiros. Dirigia-se agora para o picadeiro para ver se o terreno estava enxuto, para o caso de aparecer o aluno das cinco.

A maioria dos aguaceiros regulares não fora muito forte, ou agitada pelo vento, mas na semana passada tinha havido um vendaval súbito e depois uma rajada pelas copas das árvores e uma chuva cerrada quase horizontal. Num quarto de hora, a tempestade passara. Mas havia ramos no meio da estrada, os regos destruídos, e rasgara-se um grande pedaço do toldo de plástico sobre o picadeiro. Ficara uma poça do tamanho de um lago nessa ponta do circuito, e Clark trabalhara até tarde na noite a escavar um canal para a escoar.

O toldo ainda não fora reparado. Clark arranjara arame farpado para evitar que os cavalos chegassem à lama, e Carla sinalizara um circuito mais curto.

Na *Web*, neste preciso instante, Clark andava à procura dum sítio para comprar toldo. Um armazém de revenda, com preços que eles pudessem suportar, ou alguém que quisesse ver-se livre desse material em segunda mão. Recusava-se a ir à cidade à Loja de Materiais de Construção de Hy e Robert Buckley, a que chamava a Corja de Bandoleiros para Extorsão, porque lhes devia demasiado dinheiro e tivera uma briga com eles.

Clark arranjava brigas que não eram só com as pessoas a que devia dinheiro. A sua simpatia, de início contagiante, podia azedar repentinamente. Havia sítios onde se recusava a ir, onde fazia sempre com que Carla lá fosse, devido a uma briga ou outra. O minimercado era um desses sítios. Uma velhota passara-lhe à frente — ou seja, fora buscar qualquer coisa de que se esquecera e voltara e pusera-se à frente em vez de ir para o fim da fila, e ele reclamara, e o empregado da caixa dissera-lhe, «Ela sofre de enfisema», e Clark respondera, «Ai sim, pois eu cá tenho hemorróidas», e tinham chamado o gerente para dizer que aquilo era desnecessário. E no café da estrada alguém recusara o desconto anunciado para o pequeno-almoço porque já passava das onze, e Clark discutira e depois atirara ao chão o copo de plástico com café — falhando por pouco, segundo alegaram, uma criança num carrinho. Ele disse que a criança estava a quase um quilómetro e que deixara cair o copo por não lhe terem dado uma pega. Responderam-lhe que não tinha pedido nenhuma pega. Ao que ele retorquiu que não devia ter de pedir.

— Tu ficas sempre em brasa — disse Carla.

— É o que acontece aos homens.

Ela não lhe tinha dito nada sobre a briga com Joy Tucker. Joy Tucker era a bibliotecária da terra que pusera o cavalo à guarda deles. O cavalo era uma pequena égua de cor de amêndoa e levada da breca, chamada Lizzie; Joy Tucker, quando estava virada para a brincadeira, chamava-lhe Lizzie Borden¹. Ontem, nada virada para a brincadeira, fora à casa deles, reclamar por o toldo ainda não ter sido arranjado e pelo triste aspecto de Lizzie, como se estivesse constipada.

Para dizer a verdade, Lizzie estava impecável. Clark fizera o esforço, para seu próprio bem, de contemporizar. Mas então foi Joy Tucker que ficou em brasa e disse que o sítio deles era uma choça e que Lizzie merecia melhor, ao que Clark respondera, «Como queiras». Joy não tinha (ou ainda não) retirado Lizzie, como Carla supusera. Mas Clark, que an-

tes fazia da égua o seu bicho de estimação, recusara-se a continuar a tratar dela. Por conseguinte, Lizzie sentia-se magoada — não reagia bem aos exercícios e escoiceava na altura de se lhe examinar os cascos, como era costume diário, para não desenvolverem fungos. Carla tinha de proteger-se para não ser mordida.

No entanto, o pior, para Carla, era a ausência de Flora, a cabrinha branca que fazia companhia aos cavalos no estábulo e nos campos. Há dois dias que não aparecia. Carla receava que tivesse sido apanhada por cães selvagens ou coiotes, ou mesmo por um urso.

Sonhara com Flora na noite passada e na noite antes dessa. No primeiro sonho Flora viera direita à cama com uma maçã vermelha na boca, mas no segundo, a noite passada, fugira ao ver Carla aproximar-se. Parecia ter a pata ferida mas mesmo assim fugira. Carla seguira-a até uma barricada de arame farpado do género que se usa nos campos de batalha, e depois ela — Flora — deslizara por entre o arame, com a pata ferida e tudo: enroscara-se muito simplesmente por ali como uma enguia branca e desaparecera.

Os cavalos tinham visto Carla atravessar o picadeiro e aproximaram-se da cerca — pareciam ensopados, apesar dos cobertores da Nova Zelândia — para que ela reparasse neles quando voltasse. Falou-lhes meiguamente, pedindo desculpa por vir de mãos a abanar. Fez-lhes festas nas crinas e afagou-lhes o focinho e perguntou-lhes se eles sabiam da Flora.

Grace e Juniper resfolegaram e espevitaram as orelhas, como se reconhecessem o nome e partilhassem a sua preocupação, mas depois Lizzie intrometeu-se e desviou o focinho de Grace da mão carinhosa de Carla. Não contente com isso, mordeu também a mão, e Carla teve de perder algum tempo a ralhar com ela.

Há três anos nunca Carla prestara muita atenção a casas pré-fabricadas. De resto, não lhes chamava assim. Como os pais, achava talvez que o nome «casa» era pretensioso. Havia gente que vivia em roulottes, e acabava-se ali a conversa. As roulottes eram todas iguais. Quando Carla se mudara, quando escolhera esta vida com Clark, passou a ver as coisas de modo diferente. Depois, começou a dizer «casa pré-fabricada» e a reparar em como as pessoas as tinham arranjado. O tipo de cortinas escolhidas, como tinham pintado os acabamentos, os alpendres ou pátios ambiciosos que haviam acrescentado. Mal podia esperar por fazer também ela essas melhorias.

Clark alinhara com as suas ideias, por uns tempos. Construíra degraus novos, e passara muito tempo à procura de um velho varandim de ferro forjado. Não se queixou do dinheiro gasto na tinta para a cozinha e a ca-

sa de banho ou no tecido para as cortinas. A pintura dela ficou desleixada — não sabia, na altura, que se devia tirar as dobradiças da porta do armário. Ou que se devia forrar as cortinas, que tinham perdido a cor.

O que Clark não consentira de todo fora em retirar a alcatifa, que era a mesma em todas as divisões e o que ela mais desejava substituir. Estava retalhada em pequenos quadrados castanhos, cada um com o seu padrão de castanho mais escuro e ferrugem e floreios e formas ocre. Durante muito tempo ela pensara que cada quadrado tinha os mesmos floreios e formas, dispostos do mesmo modo. Depois, com mais tempo, muito tempo, para os observar, decidira que havia quatro padrões unidos para formar maiores quadrados idênticos. Às vezes conseguia distinguir facilmente o padrão maior e às vezes precisava de esforçar-se para o ver.

Era o que fazia quando chovia lá fora e o humor de Clark deprimia todo o seu espaço interior, e ele não se incomodava a prestar atenção a mais nada senão ao ecrã do computador. Mas o melhor nessas alturas era inventar ou lembrar-se de qualquer coisa para fazer na cavalaria. Os cavalos não olhavam para ela quando se sentia infeliz, mas Flora, que nunca ficava presa, aproximava-se e esfregava-se nela, e olhava-a com uma expressão que não era bem compaixão — era mais como uma troça amiga — nos seus trémulos olhos verde-amarelados.

Flora era uma cabrinha ainda pequenina quando Clark a trouxe para casa de uma quinta onde fora comprar material a granel para os cavalos. As pessoas de lá iam desistir da vida do campo ou pelo menos da criação de animais: tinham vendido os cavalos mas não conseguiam ver-se livre das cabras. Ele ouvira dizer que uma cabra podia trazer uma sensação de tranquilidade e conforto a uma cavalaria e queria experimentar. Pensaram em pô-la um dia a acasalar, mas ela nunca deu sinais de entrar em cio.

De início foi o bicho de estimação só de Clark, seguindo-o para toda a parte, dançando para lhe chamar a atenção. Era esperta e charmosa e provocadora em pequena, e a sua semelhança a uma menina ingénua apaixonada fizera-os ambos rir. Mas ao crescer deu mostras de se apegar a Clara, e com essa afeição ficou de repente mais ajuizada, menos nervosa — parecia capaz, em vez disso, de uma espécie de humor manso e irónico. A atitude de Carla para com os cavalos era terna e severa e bastante maternal, mas a camaradagem com Flora era bastante diferente, sem que Flora lhe permitisse sentir-se superior.

— Ainda não há notícias de Flora? — perguntou ela, descalçando as botas de trabalho.

Clark colocara na *Net* um anúncio de Cabra Perdida.